

**28ª EDIÇÃO - DOSSIÊ 60 ANOS DO GOLPE  
DE 1964: ESPAÇOS, NARRATIVAS E NOVAS  
PERSPECTIVAS SOBRE A DITADURA MILITAR  
NO BRASIL, N.2**

DAIANI BARBOSA<sup>1</sup>

LAVÍNIA MARTINS<sup>2</sup>

O lançamento do segundo número do Dossiê *60 anos do golpe de 1964: espaços, narrativas e novas perspectivas sobre a ditadura militar no Brasil* é fruto do trabalho dedicado da equipe editorial, dos autores e pareceristas para construir um dossiê e marca o grande interesse e a urgência de continuarmos discutindo este tema tão relevante.

Como enfocamos no número anterior, os artigos deste dossiê seguem a tendência das novas abordagens na História Presente, particularmente, no tema da Ditadura Militar no Brasil, cujos debates comunicam com amplas dimensões sociais e políticas que giram em torno da Comissão Nacional da Verdade e se inserem no conjunto e redes de discussão no espaço público e acadêmico, onde a efeméride dos 60 anos ecoa ainda na busca por memória, justiça e reparação.

O primeiro artigo que compõe o dossiê, intitulado *Inimigo “Número Um”: as representações sobre o comunismo através do jornal A Semana (1946-1984)*, de Denise Silva e Souza, discute o tema a partir das publicações do jornal na cidade de Divinópolis, Minas Gerais, investigando a influência católica na construção de uma imagem sobre o comunismo e, ainda, como essa imagem se altera ao longo dos anos a partir de transformações no seio da própria igreja católica.

---

<sup>1</sup> Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ), pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos (NIEJ/UFRJ) e editora-chefe da Revista Ars Historica. Bolsista Capes. E-mail: daianisilvabarbosa@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ), pesquisadora do Laboratório de Imagem, Memória, Arte e Metrópole (IMAM) e editora-executiva da Revista Ars Historica. Bolsista Capes. E-mail: laviniaizidorom@gmail.com.

No segundo artigo, “*O Que Preocupa*”: debates sobre crianças e jovens que assistiam à TV (1972 – 1988), Valesca Gomes Rios analisa as preocupações que surgem do avanço simultâneo da modernização dos meios de comunicação em massa e dos anos de endurecimento da ditadura brasileira, e como elas se traduziram na montagem da programação televisiva para o público infanto-juvenil. A autora se debruça sobre documentação relativa à grade, à censura e aos debates acadêmicos, tanto na área da educação como da psicanálise e da psicologia, para colocar em pauta como esse novo elemento do cotidiano foi encarado diante da formação de uma nova geração.

O terceiro e último artigo que completa o segundo dossiê traz como título *Políticas de Memória e a Justiça de Transição no Cone Sul: o “Irrevogável” Frente ao “Irreversível”*. Nele, Guilherme da Conceição de Lima vai discutir a aplicação de diferentes sentidos de justiça de transição nos países do Cone Sul diante de seus processos de redemocratização, destacando a atuação das comissões da verdade instauradas em cada um deles e os níveis de negociação entre os regimes democráticos que retornavam e os próprios militares que, na maior parte dos casos, tutelaram de forma rigorosa essas transições. Assim, o autor analisa as percepções colocadas pela interjeição entre passado e presente, a partir dos conceitos de “passado irrevogável” e “passado irreversível”.

Compõem, ainda, esta edição, três artigos livres e uma resenha. *Negociante e Senhor de Engenho no Antigo Regime nos Trópicos: a Trajetória de Inácio Francisco de Araújo na Capitania do Rio De Janeiro. C. 1688-1742*, escrito por Carlito Lopes de Oliveira Junior, analisa as mobilidades entre a elite agrária e mercantil no século XVIII, a partir da figura do capitão português Inácio Francisco de Araújo. Sua trajetória representa as ambiguidades e interações em sua atuação como senhor de engenho e negociante que, segundo o autor, retrata bem as dinâmicas sociais e políticas do Rio de Janeiro deste período.

O segundo artigo livre, escrito por Antonio Gasparetto Júnior, tem como título *Por uma análise bibliométrica da historiografia sobre a Primeira República (2010-2020)* apresenta uma análise das produções historiográficas recentes sobre a Primeira República, detalhando, não só os números de publicações de teses, mas também os temas e as maneiras que foram abordados. O autor enfoca as diversas mudanças na historiografia sobre este período a partir das influências teóricas na área em dez anos.

*W.E.B. Du Bois e a construção das identidades raciais: uma teoria pioneira e fundamental para o debate sobre a desigualdade sociorracial*, de Luis Fabiano Pereira, último artigo desta seção, debate as contribuições do importante sociólogo norte-americano. De acordo com Pereira, Du Bois ajudou a construir e consolidar as pesquisas sobre raça a partir de uma perspectiva sociológica, que analisa aspectos objetivos, sociais e políticos e que se distanciavam das visões biológicas sobre raça (racismo pseudocientífico). O autor o define por sua “classicidade” e destaca sua atuação como um “um crítico da modernidade racializada”. As obras e a teoria sociológica de Du Bois impulsionaram o desenvolvimento do debate sobre o racismo nos Estados Unidos e na luta por direitos e políticas públicas e contribuíram para a fundação da Sociologia contemporânea.

Finalizando a presente edição, a resenha *A modernidade em novos mares: um comentário sobre “A Época Moderna”*, de Luan de Oliveira Vieira, apresenta uma análise do livro *A Época Moderna*, organizado por André de Melo Araujo, Luis Filipe Silverio Lima, Andréa Dore, Rui Luis Rodrigues, Marília de Azambuja Ribeiro Machel e Rui Luis Rodrigues e publicado em 2024 pela editora Vozes. Segundo Vieira, o livro pretende ser um manual, apresentando os principais eventos do período de maneira didática, porém, sem ignorar os debates que auxiliam na argumentação sobre o período e temas tratados em cada capítulo. É fundamental no livro, portanto, a problematização e a historicização dos conceitos, da cronologia e do que pode ser entendido por “época moderna” no Brasil, suscitando outros caminhos metodológicos, partindo da própria especificidade histórica, do desenvolvimento do campo nas universidades brasileiras e da noção descentralizada de “múltiplas modernidades”.

Ademais, agradecemos aos autores que submeteram seus artigos, aos pareceristas pelas análises minuciosas e atentas, ao corpo editorial da Ars e à coordenação do PPGHIS pelo apoio. Desejamos uma ótima leitura e que esta edição amplie e inspire novos debates.